

Resenha

ANDREW, Christopher M. *The defense of the realm: The Authorized History of MI5*. Knopf Doubleday Publishing Group, 2009. 1056 p. ISBN 0307272915.

Romulo Rodrigues Dantas*

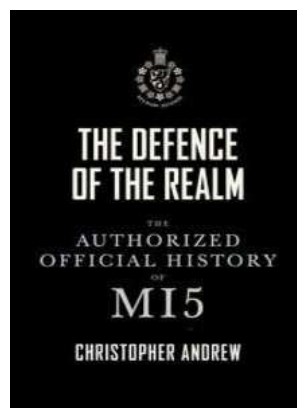
Em 5 de outubro de 2009, foi publicado o livro *The Defence of the Realm* (A Defesa do Reino), no qual é apresentada a história oficial e autorizada do MI5, o serviço de Inteligência interno do Reino Unido nas duas guerras mundiais, no período da Guerra Fria e no atual combate ao extremismo islâmico.

A gênese do livro remonta a 1990, no âmbito da Iniciativa Waldegrave – estabelecida com a finalidade de incentivar as organizações governamentais a adotarem procedimentos que resultassem em maior transparência às suas ações, porém sem comprometer sua eficiência. Inicialmente, o MI5 passou a enviar documentos ao Arquivo Nacional Britânico, mas em 2002, o ex-diretor-geral Stephen Lander (1996-2002) autorizou a elaboração de um livro no qual fosse apresentada a história da organização, para ser publicado como parte das comemorações dos 100 anos do MI5, em 2009. Lander afirmou que o livro tem a intenção de “permitir a compreensão pública a feitos, fatos, mitos e equívocos relativos à atividade de Inteligência e às pessoas que a operam”. Assim, em 2003, foi contratado um especialista externo à organização para escrever a história dela.

O livro, com 1.032 páginas, foi escrito por Christopher Andrew, professor de História da Universidade de Cambridge, Inglaterra e especialista em serviços de Inteligência britânicos.

Foi a primeira vez que o MI5 autorizou um historiador independente a ter acesso a cerca de 400 mil documentos e que até mesmo participasse de atividades cotidianas da organização, desde que ela foi criada pelo capitão Vernon George Waldegrave Kell, do Exército Britânico, em outubro de 1909.

A expressão *The Defence of the Realm* (do latim, *regnum defende*) não é criação de Andrew. Ela evoca lei aprovada em 8 agosto de 1914, por meio da qual o governo britânico controlou a economia para assegurar que o país estivesse preparado para a Primeira Guerra Mundial. Além de censurar a imprensa, essa norma autorizou o Executivo a legislar sem consultar o Parlamento; expropriar bens, edificações



* Oficial de Inteligência – Diretor do Departamento de Contraterrorismo/Abin.

e indústrias em proveito dos esforços de guerra; censurar e suprimir críticas públicas; prender sem julgamento; e comandar diretamente a alocação dos recursos econômicos.



A expressão *regnum defende* compõe o brasão do MI5.

Enquanto se dedicava a escrever o livro, Andrew foi posto à disposição do MI5 e passou a trabalhar em instalação deste. Embora a organização tenha avaliado e editado conteúdos por razões de segurança nacional, não se constatou na leitura fragmentação de informação que pudesse evidenciar que Andrews sofrera censura ou crítica de líderes ou funcionários do MI5 em relação aos julgamentos e às conclusões apresentados por ele, ou tentativas de influenciá-lo ou constrangimentos por parte de acadêmicos. Andrew também indicara não ter interesse em escrever obra 'chapa branca'.

A clareza do estilo de redação, os detalhes analíticos e o evidente interesse no assunto Inteligência são determinantes para que a leitura seja agradável e preencha lacunas de informação, relevantes tanto para especialistas e interessados no assunto quanto para leitores em geral. Essas características permeiam toda a obra, seja quando ele descreve fatos sobre Hitler, nos anos 30; o sistema de agentes duplos durante a Segunda Guerra Mundial; o terrorismo sionista; os espões nucleares e os de Cambridge; o denominado complô Wilson; a morte de integrantes do Exército Republicano Irlandês (IRA), em Gibraltar, ou surgimento do terrorismo islâmico no país.

Aspectos centrais contidos no *The Defence of the Realm* permitem constatar informações sobre valores, honra, mérito, coragem, cultura e ética que são norteadores do MI5; como a organização vem sendo gerenciada e se relaciona com o governo; e erros e acertos em sua trajetória. O livro também discorre sobre novas interpretações relativas a eventos e períodos da história britânica, que revelam que o MI5, por exemplo: (1) dispunha de fontes com acesso privilegiado e capazes fornecer informações antecipadas e precisas sobre as intenções de Adolf Hitler; (2) recrutou com sucesso agentes alemães durante a Segunda Guerra Mundial; (3) teve comportamento apartidário e proveu igualmente informações sobre ameaças ao Reino Unido tanto para os governos conservadores quanto trabalhistas; (4) atuou em ações vinculadas à Guerra Fria; (5) reuniu informações pessoais e político-partidárias que poderiam comprometer o primeiro-ministro Harold Wilson¹, mas não as usou contra ele; (6) apresen-

¹ Exerceu mandatos de 1964 a 1970 e, de 1974 a 1976 era membro do partido Trabalhista. Ele morreu em 24 de maio de 1995, aos 79 anos de idade.

tou a verdade sobre o fracassado ataque do IRA em Gibraltar, em 1988; (7) foi o responsável pela revelação não-autorizada à imprensa de que Rab Butler, designado chefe da organização em 1957, sequer sabia onde era sua sede; e (8) teve mais capacidade operacional no passado do que tem atualmente.

De acordo com o livro, originalmente a sigla MI significava *Military Intelligence* (Inteligência Militar) e foi estabelecida em outubro de 1909. Era a unidade do serviço secreto (*Secret Service Bureau* – SSB) que monitorava o crescimento do poder naval alemão e respondia às ameaças de espionagem da Alemanha. A fração do SSB designada para realizar as decorrentes tarefas de contraespionagem na Grã-Bretanha era a Seção 5, daí MI5.

No passado, havia outras seções no SSB de MI1 a MI19 que lidavam com temas variados: (a) MI1, decodificação; (b) MI2, Rússia/União Soviética e Escandinávia; (c) MI3, Europa Oriental; (d) MI4, reconhecimento aéreo; (e) MI7, supostamente, acompanhamento de eventos extraterrestres; (f) MI8, interceptação de comunicações militares; (g) MI9, operações sob cobertura e, à época da Segunda Guerra Mundial, fuga e evasão; (h) MI10, análise de armamento estrangeiro; (i) MI11, segurança operacional; (j) MI12, censura militar; (k) MI13, permanece em sigilo; (l) MI14 e MI15, Alemanha; (m) MI16, Inteligência científica e tecnológica; (n) MI17, propaganda e contrapropaganda; (o) MI18, permanece em sigilo; e (p) MI19, interrogatório de prisioneiros de guerra. Posteriormente, competências dessas seções foram descontinuadas ou incorporadas pelo MI5 e MI6.

O MI6, formalmente o Serviço de Inteligência Secreta (SIS, em inglês), responde pela obtenção de Inteligência fora do

Reino Unido, em apoio à formulação de políticas governamentais em matéria de segurança, defesa, relações exteriores e economia. O MI6 foi criado pelo comandante Mansfield Cummings, 50 anos, da reserva da Marinha Real Britânica, que também participou da criação do SSB. A missão do MI6 é proteger os cidadãos e os interesses do Reino Unido, internamente e no exterior, contra ameaças à segurança nacional, as quais são agrupadas em oito áreas específicas, entre essas: terrorismo, espionagem e proliferação de armas de destruição em massa. A história oficial do SIS está sendo escrita por Keith Jeffrey, professor de História da Queen's University, em Belfast, prevista para ser publicada em fins de 2010, mas que contemplará apenas o período 1909-1949.

O diretor-geral do SIS (MI6), ainda hoje, é conhecido por “C”, em homenagem a Cummings.

Ainda que pouco utilizado desde 1940, por tradição o diretor-geral do MI5 é conhecido por “K”, em homenagem a Kell.

Em 1931 o MI5 foi formalmente renomeado Serviço de Segurança, mas continua conhecido pela sigla que o originou.



Vernon Kell

O capitão Kell tinha 36 anos quando criou o MI5. Ele era um reconhecido poliglota com histórico cosmopolita, de educação social refinada e descendência anglo-polonesa.

Desde abril de 2007, o diretor-geral do MI5 é o general Jonathan Evans, o ex-diretor-geral substituto da organização. Ele nasceu em 1958 e era anteriormente o responsável pela unidade de contraterrorismo, especializada na monitoração da *al Qaeda* e de simpatizantes desta no Reino Unido. Evans é considerado uma referência internacional em matéria de extremismo islâmico.

A sede do MI5 localiza-se no subúrbio londrino de Millbank, às margens do rio Tâmisa, e por isso é conhecida por



Thames House (foto acima). Há, também, oito escritórios regionais na Grã-Bretanha e um na Irlanda do Norte.

Quando da sua criação, o MI5 dispunha de dois funcionários, entre os quais Kell. Posteriormente, passaram a ser dezessete. A Primeira Guerra Mundial determinou a expansão dos quadros e, ao contrário do que ocorria no Executivo, o MI5 contratou desproporcionalmente mulheres. Entre 1914 e 1918, o MI5 afirma ter conseguido prender quase todos os agentes alemães operando no Reino Unido ou criou condições para que seus sucessores não obtivessem informações de interesse, além de ter transformado vinte e cinco desses em agentes duplos. Funcionárias contribuíram para esse sucesso. Nesse período,

cerca de 250 mil pessoas foram identificadas e registradas no MI5 como suspeitas de realizar potenciais atividades de espionagem em favor da Alemanha e denominadas *Boche*. Essas pessoas eram divididas em subcategorias: AA (*Absolutely Anglicised*); BA (*Boche Anglo*); e BB (*Bad Boche*), considerada a espécie mais perigosa. Andrews avaliou que sem esses agentes não teria sido possível iludir a contrainteligência da Alemanha e a invasão do Dia-D, em 1944, fracassaria.

Andrew destaca que embora setores do governo e da sociedade afirmassem que

o MI5 aumentava artificialmente a dimensão das redes de espionagem alemãs, a organização não exagerou quando ao afirmar que todos os agentes alemães, em agosto de 1914, foram presos, na razão de mais de uma prisão para cada integrante do MI5. O primeiro agente alemão

preso foi Carl Lody, que posteriormente foi condenado a morte, o qual Kell considerou de “excepcional qualidade”, mesmo tendo sido identificado e preso. Antes da execução, Lody perguntou ao oficial que comandava o pelotão de fuzilamento se cumprimentaria um espião. O oficial afirmou que não apertaria a mão de um espião, mas o faria com um homem corajoso. E o fez, numa demonstração de respeito e honradez, do mesmo modo Kell, que assistiu a execução.

Em 1919, o MI5 comemorou os êxitos logrados durante a guerra; entretanto, nesse mesmo ano sofreu o primeiro corte de seu orçamento que foi reduzido em dois terços e a ameaça de fusão. Com o apoio do futuro primeiro-ministro *Sir Winston*

Churchill (1940-1945 e 1951-1955), manteve-se como organização independente e, nos anos 20, dedicou-se ao acompanhamento da subversão interna e da crescente ação da espionagem soviética. A identificação da penetração dos serviços de Inteligência soviéticos na polícia inglesa ensinou o MI5 fortalecer sua posição e ampliar suas competências, o que posteriormente evidenciou acerto, ao serem cotejados os desafios que enfrentaria nos anos 30. Apesar disso, não houve aumento de funcionários ou recursos orçamentários.

Na década de 20, o MI5 confrontou as ações de sabotagem em portos; a subversão industrial e militar; e a espionagem soviética. Em relação a esta, ainda que tivessem sido adotadas rígidas medidas de compartimentação, informações sobre a realização de operações para prender agentes soviéticos vazaram e apenas poucos foram presos.

Kell fez autocritica e reconheceu ter errado quando afirmou, em 1939, que “inexistiam” atividades de espionagem soviéticas na Inglaterra. Foi nessa época que os Cinco de Cambridge² iniciaram as tarefas de infiltração no Executivo, que não admitia a necessidade de incrementar as atividades de Inteligência do país. Esse desfecho poderia ter sido diferente, pois um imprevisto de tempo impediu que o MI5 prendesse Arnold Deutsch, o recrutador dos Cinco de Cambridge, integrante do NKVD o serviço de segurança interna à época de Stalin. Apesar disso, com apenas vinte e seis funcionários e capacidade rudimentar de realizar investi-

gações de segurança para credenciamento de candidatos a cargos no governo, Kell admitiu que era muito pouco provável que o MI5 pudesse ter realmente impedido a ação, pois, até 1971, a quantidade de agentes soviéticos em operação superava a capacidade de resposta do MI5. É interessante constatar que foi apenas em 1951, com a decodificação de um telegrama do KGB, que os Cinco de Cambridge foram identificados e o MI5 iniciou a maior investigação da sua história, que levou cerca de trinta anos para ser concluída.

Como decorrência, a Operação *Foot*, realizada em 1971, ensejou a expulsão de cento e cinco oficiais de Inteligência soviéticos e é destacada no livro não apenas como a maior ação dessa natureza contra diplomatas no mundo, mas como a precursora do sistema de denegação de vistos, que dificultou as atividades do KGB nas décadas seguintes.

Mas Andrews reconhece que o MI5 foi capaz de compreender outra situação, considerada muito mais complexa: a ameaça do totalitarismo de Hitler. Enquanto o Executivo, e também o MI6, julgavam que a relação da Alemanha com o Reino Unido era pacífica, o MI5 desconfiava dela e se dedicava a estudar o *Mein Kampf*. Além disso, o MI5 penetrou a embaixada alemã em Londres e avaliou a ameaça. Sobre o encontro do primeiro-ministro Chamberlain com Hitler, Kell afirmou a seus superiores: “Não se pode dar crédito a nenhum tratado ou compromisso que tenha sido assinado com Hitler e todos devem ser repudiados sem aviso prévio.”

² Considerada pelo MI5 a mais eficaz rede de espionagem composta por agentes britânicos a serviço de potência estrangeira, era integrada por estudantes da Universidade de Cambridge recrutados pela Inteligência soviética nos anos 1930 e permaneceu em atuação até meados dos anos 1950. O termo *Cinco de Cambridge* refere-se a Kim Philby, “Stanley”; Donald McLean, “Homer”; Guy Burgess, “Hicks”; Anthony Blunt, “Jonhson”; e John Cairncross, “Liszt”.

Aspectos da história do MI5 durante o período da Segunda Guerra Mundial são mais conhecidos a partir da leitura do livro, entre eles. (1) poucos funcionários e sobrecarregados; (2) mudança de sede para a prisão de Wormwood Scrubs, sem a saída dos prisioneiros, e depois para Blenheim Palace, o local de nascimento de Churchill; (3) implementação de política de detenção de alemães; (4) demandas crescentes de Churchill a Kell, este já era o dirigente a mais tempo à frente de uma organização pública britânica no século XX; (5) o rápido recrutamento de funcionários externos ao MI5, o que facilitou o surgimento de agentes duplos; e (6) colaboração na decifração dos códigos da *Enigma*, o que permitiu controlar cada agente alemão operando no Reino Unido e, aqueles que não cooperavam eram presos ou executados, o que acarretou não haver casos de sabotagem. A única exceção foi a localização de uma bomba entre sacos de cebola, posteriormente desativada.

Não se podia exigir ou querer mais de um serviço de Inteligência em tempos de guerra.

A leitura do livro permite rever certos fatos do período da Guerra Fria – dos primórdios da Era Atômica e dos Cinco de Cambridge à queda do Muro de Berlim. Por exemplo, não houve qualquer conspiração para derrubar o governo Wilson e *Sir* Roger Hollis, diretor-geral do MI5, de 1956 a 1965, não era um agente soviético, ao contrário do que se especulava. Havia documentos sobre Wilson, não porque ele estava sob investigação, mas por conta de contatos que ele licitamente mantinha com integrantes do Partido Comunista.

Andrews analisa encontros entre diretores-gerais e primeiros ministros para demonstrar como as relações de poder do MI5 com o Executivo eram inconstantes e variavam com base apenas em aspectos de personalidade de cada um. Por exemplo, o primeiro-ministro Clement Attlee (1956-1965) recebia o diretor-geral do MI5 no mínimo quatro vezes por semana, a maior frequência entre todos os demais primeiros-ministros, com a justificativa de que governar sem informação é agir de modo incompleto e exploratório. Alguns questionavam certas atividades desenvolvidas; outros, simplesmente não sabiam o que os funcionários do MI5 faziam.



Neville Chamberlain e Hitler. Setembro de 1939.

Mas dois aspectos no livro são tidos como de destaque nessa relação. Ao contrário de muitos serviços de Inteligência, o MI5 nunca teve receio em dizer a verdade para os integrantes do governo. Kell, por exemplo, não teve receio em informar o primeiro-ministro Neville Chamberlain (1937-1940) que Hitler o considerava “*asshole*” (“bundão”, “babaca” ou “frouxo”, com adaptação cultural). Andrew considerou este fato a sua descoberta favorita e cita que essa ofensa provocou considerável indignação em Chamberlain.

Há também no livro informações relativas à transição do Império para a Comunidade Britânica e a tentativa frustrada do IRA de destruir a infraestrutura de distribuição de eletricidade de Londres. Na área da subversão, destacam-se ainda: a capacidade de os sucessivos diretores-gerais manterem a neutralidade e se recusarem a comprometer a definição apartidária do que constituía ameaça à segurança nacional; a autocrítica de não ter reconhecido a ameaça crescente do IRA; o papel das mulheres; atitudes para com judeus e negros; treinamento; humor; aspectos de honra, respeito e ética; e o caso Michael Bettaney, funcionário do MI5 que foi recrutado pelo KGB em meados de 1980, preso ao entregar segredos na embaixada da URSS em Londres, em 1985. Ele foi processado com base em legislação de espionagem.

Entretanto, documentos analisados evidenciaram a Andrews que Bettaney teria sido “o bode expiatório de uma fase negra na história do MI5, ocasionada por gestão incompetente de dirigentes de cúpula e obsessão desenfreada em relação à prisão de agentes estrangeiros e subversivos domésticos.” E foi verdadeiramente esse ambiente que ensejou a condenação dele, conforme avalia Andrews. O caso Bettaney ocasionou que outro funcionário, Cathy Massiter, se demitisse e denunciasse na televisão que o MI5 “grampeava” membros de sindicatos e de outros grupos considerados dissidentes, entre os quais o Conselho Nacional para as Liberdades Cívicas, por considerá-los “subversivos”.

Segundo Andrews, a denúncia de Massiter foi determinante para que a primeira-ministra *Dame Margaret Thatcher* (1979-1990) exonerasse o diretor-geral do MI5 *Sir John*

Jones (1981-1985) o primeiro diretor-geral que havia atuado durante toda a sua carreira no setor F da organização, com competências na área de subversão interna e indicasse para o cargo *Sir Antony Duff* (1985-1988), o coordenador de Segurança e Inteligência do gabinete de Thatcher, ex-submarinista na Segunda Guerra Mundial e diplomata aposentado. Ainda que Duff tivesse sido percebido como alguém de fora da organização, a geração mais jovem de funcionários e sobretudo as mulheres, independentemente da idade ou do tempo de serviço depositaram nele a esperança de que pudesse romper com o modelo gerencial então vigente, no qual uma “velha guarda machista e setorial” formava grupos com base em relações de amizade, as quais constituíam verdadeiras “oligarquias corporativas que impediam a alternância de poder e cujos interesses pessoais prevaleciam em relação aos organizacionais”. Apesar disso, a análise de Andrews evidenciou que Duff foi hábil ao reorientar o MI5 para objetivos de Inteligência mais relevantes, notadamente o combate ao terrorismo do IRA.

Duas situações, uma positiva e outra negativa, marcaram a gestão de Duff, conforme cita Andrews. A primeira, para dar mais visibilidade ao MI5 e buscar assegurar governo e sociedade de que a organização também estava subordinada aos controles legais e democráticos do Reino Unido, ele iniciou contatos discretos com a imprensa, além de ter convencido Thatcher a indicar um ouvidor independente para investigar reclamações feitas por funcionários. A segunda, a morte de integrantes do IRA, em Gibraltar, no caso conhecido posteriormente por *Death on*

the Rock, e sobre o qual Andrews dedicou seis páginas no livro.

O MI5 sabia da intenção do IRA de atacar a bomba um desfile militar do exército britânico que acontecia todas as terças-feiras em Gibraltar e, em conjunto com o serviço de Inteligência da Espanha, havia cinco meses vigiava a movimentação de militantes entre a Irlanda do Norte, Espanha e Gibraltar. Os telefones desses suspeitos estavam “grampeados”, sabia-se quais eram as suas identidades falsas e todos os movimentos que realizavam eram conhecidos em detalhes. A Operação *Flavius* foi planejada para prendê-los em flagrante. O local do desfile estava em obras e a ação do IRA foi postergada em algumas semanas. Uma integrante do grupo do IRA, composto por três pessoas, foi substituída na véspera do dia planejado para a ação: 8 de março de 1988, terça-feira. A equipe de segurança, composta de 250 policiais de Gibraltar, oficiais de Inteligência do MI5 e membros do SAS (*Special Air Service* – força de elite britânica), foi posicionada na área com dois dias de antecedência. Na manhã de 6 de março, um dos integrantes do IRA chegou de carro e o estacionou próximo ao local do desfile, e esperou nas proximidades pelos dois outros, que cruzaram a fronteira com a Espanha a pé. Os três retornavam a pé para a fronteira quando membros do SAS saíram de suas posições e atiram neles múltiplas vezes, matando-os instantaneamente. Relatos decorrentes, produzidos com base em informações da própria equipe de segurança, diziam que os integrantes do grupo do IRA reagiram e por isso foram mortos e que um “enorme” carro-bomba, com cerca de 160 quilos de explosivo, fora localizado e desarmado. Entretanto, na tarde daquele dia o ministro

das Relações Exteriores britânico desmentiu a versão apresentada e anunciou que os militantes do IRA estavam desarmados e que não havia nenhum carro-bomba. Este foi encontrado em um estacionamento na Espanha e depois ocuparia a vaga do primeiro veículo estacionado. A falha da vigilância foi atribuída pelos britânicos aos espanhóis, que não teriam percebido o fato. Mas estes dizem que informaram todos os movimentos do grupo do IRA ao MI5 e SAS. As entrevistas com integrantes da equipe de segurança não trouxeram informações que permitissem confirmar que movimentos suspeitos visualizados ocasionaram a morte dos membros do IRA. Os procedimentos e resultados da Operação *Flavius* são comparados aos que provocaram a morte do brasileiro Jean-Charles de Menezes, em Londres, em 22 de julho de 2005, ao ser confundido pela polícia com um terrorista suicida.

Há detalhes que permitem conhecer a transição do MI5 de uma organização primordialmente de contraespionagem para uma de contraterrorismo, com foco no IRA e no Oriente Médio, e verificar que tal reorientação consome dois terços de seu orçamento anual.

A maior mudança de foco do MI5 para contraterrorismo teve início em 1992, quando lhe foi permitido engajar-se direta e independentemente no combate ao IRA. Andrews admite que as ações de 11 de setembro de 2001 contra os EUA e a recorrência de ataques com o emprego de suicidas realizados pela *al Qaeda* e organizações associadas a esta e que se diferenciam sobremaneira da tática até então empregada pelo IRA reforçaram o seu desejo de escrever o livro.

Andrews considerou que a análise de documentos evidenciou que o acompanhamento sistemático e em nível global do islamismo extremista foi mais lento do que quando havia apoio de Estados ao terrorismo. Por isso, o primeiro registro identificado no MI5 sobre Osama bin Laden ocorreu em 1993, após o ataque contra o *World Trade Center*, em Nova York. Adicionalmente, ficou também constatado no livro que a ex-diretora-geral Dame Stella Rimington (1991-1996) considerada a primeira mulher a chefiar um serviço de Inteligência em todo o mundo nunca tinha ouvido falar da *al Qaeda* até ter participado de uma reunião em Washington DC, em 1996, ocasião em que representantes de agências da comunidade de Inteligência dos EUA demonstraram especial interesse em fatos relacionados a bin Laden. Rimington realinha a transformação do MI5 para organização de contraterrorismo ao dizer que “enquanto esteve à frente do MI5 fazia-se contraespionagem, primordialmente, em decorrência das necessidades da Guerra Fria, mas a realidade mundial determinou alteração nesse curso e combater o islamismo extremista tornou-se prioridade.”

A leitura indica que embora tenha havido êxitos no combate ao terrorismo, a autocrítica que faz do seu próprio desempenho indica que o ritmo ainda é lento e isso demanda empenho dos seus líderes e funcionários – mil e oitocentos em 2001, três mil e quinhentos em 2010 e quatro mil e cem, estimados para 2011. A esse respeito, Andrews cita no livro que um funcionário disse que “a percentagem de idiotas no serviço é extremamente baixa” e isso indica moral e motivação altas. As maiores reclamações referem-se à cultura de setores do Executivo, que ainda não percebem como fundamentais questões

de segurança e o papel desempenhado pelo MI5, mesmo em relação ao combate ao terrorismo.

O MI5 avalia que a ameaça do terrorismo islâmico parou de crescer, mas continua grave, e terroristas inspirados na *al Qaeda* permanecem dispostos a adquirir armas de destruição em massa para realizar atentados com o emprego de material químico, biológico ou nuclear, em âmbito global. A esse respeito, e embora à época não se dando conta do fato, em 2000, o MI5 impediu que a *al Qaeda* obtivesse arma biológica quando identificou amostras e equipamentos na bagagem do microbiologista paquistanês Rauf Ahmad, que havia participado no Reino Unido de conferência sobre agentes patogênicos. Posteriormente, o MI5 e serviços de Inteligência dos EUA revelaram que Ahmad mantivera contato com Ayman al-Zawahiri, subchefe da *al Qaeda*. Segundo Andrews, o MI5 não tem dúvida de que terroristas têm a intenção de utilizar armas de destruição em massa e tenta antecipar o momento e o local onde esse ataque tem maior potencial de ocorrer.

As análises de Andrews constataram que o MI5 realmente impediu ataques terroristas no Reino Unido, inclusive o plano para explodir aviões comerciais em rota do país para os EUA, com o emprego de explosivos líquidos, e destacam que vários britânicos muçulmanos foram condenados à prisão perpétua, em 2009. Apesar disso, Andrews também evidenciou que o MI5 admitiu a sua falha por não ter impedido os ataques terroristas de 7 de julho de 2005, que ocasionaram a morte de 52 pessoas, passageiros dos serviços de metrô e ônibus londrinos.

O livro destaca o entusiasmo e compromisso de Evans em assuntos de terrorismo e o cita ao afirmar que os sucessos do MI5 no combate a esse fenômeno têm provocado efeitos desmotivadores naqueles que a ele recorrem. Evans considera que o terrorismo permanecerá como ameaça real no futuro previsível e que ainda é cedo para estabelecer se os efeitos são de curto prazo ou uma tendência com maior probabilidade de permanência temporal.

Ainda que preponderantemente o livro destaque feitos positivos do MI5 em matéria de contraterrorismo, também recorda que funcionários da organização têm sido acusados de cumplicidade na tortura de suspeitos de terrorismo presos no exterior. Andrews avaliou que historicamente a vasta maioria dos funcionários tem rejeitado a tortura e essa prática é considerada incomum na organização. Como exemplo, o livro faz referência a documento de 1940 que descreve o espancamento por militares de um agente alemão capturado. O funcionário do MI5 encarregado do caso determinou que a agressão cessasse. Primeiro, por considerar a tortura um procedimento que não é apenas crime, mas um erro; segundo, sendo especialista em Inteligência, por saber que para se livrar do sofrimento qualquer um diz o que o torturador que ouvir.

O livro apresenta informações que permitem considerar o MI5 uma organização compartimentada e envolta em atmosfera de sigilo. Como exemplo, em documento produzido em 1931, destinado a orientar novos funcionários, consta que “a ninguém, nem mesmo a colegas de outros setores e à nossa própria família deve-se dizer onde se trabalha ou para quem”. Em outro, de 1998, constatou-se a diminui-

ção do moral no fim da Guerra Fria e a decorrente redução de orçamento e demissão de funcionários. No final de 2001, houve rápida autorização governamental para que o MI5 expandisse quadros e orçamento, e tal situação ensejou aos funcionários renovados sentimento de utilidade.

Antes de Rimington, os nomes e as imagens dos diretores-gerais do MI5 não eram publicados e a divulgação da identidade deles pela imprensa era motivo de ação judicial. Como evidência de mudança, no início de 2009 Evans foi entrevistado, e essa foi a primeira vez que um diretor-geral do MI5, no exercício do cargo, concedeu entrevista à imprensa.

Na ocasião, Evans afirmou que o paradigma do passado era o de que para que a sociedade não conhecesse atividades dessas agências nada deveria ser informado sobre elas. Atualmente, a redução do nível de alienação da sociedade em relação às organizações públicas, particularmente as de Inteligência, e o aperfeiçoamento de mecanismos de controle aos quais essas agências devem se reportar impõe o repasse de informações específicas. Essa ação constitui maneira democrática de evitar o surgimento de teorias conspiratórias e mal entendidas em relação à atividade de Inteligência.

O MI5 possui um coral de funcionários chamado “Os Cantores de Oberon”, numa referência irônica a Oberon, o rei das sombras e das fadas, personagem de Shakespeare na ópera *Sonhos de uma Noite de Verão*, escrita em meados de 1590. Num dos diálogos dessa peça, Oberon diz: “Nós somos invisíveis, mas vemos e ouvimos o que dizem”. O MI5 também possuía uma equipe de críquete

e perdeu a primeira partida que realizou, contra a equipe da tribo Mau-Mau, do Quênia, em 1952.

Até 1997, o MI5 não realizava campanhas abertas para contratar funcionários. Esses eram selecionados entre indivíduos que haviam atuado na Índia e em outras regiões do Império Britânico ou eram abordados discretamente nas universidades de Cambridge e Oxford, com base exclusivamente em recomendações pessoais. A análise de documentos indicou que os candidatos homens declaravam ter o críquete e a caça entre seus *hobbies* prediletos. As mulheres eram selecionadas em escolas e universidades da elite britânica. Elas desempenharam papéis importantes no MI5 e duas foram designadas diretoras-gerais: Rimington e Dame Eliza Manningham-Buller (2002-2007). Rimington foi uma das primeiras mulheres a também controlar agentes e, de acordo com Andrews, o fazia até mesmo quando ela ocupava o cargo de diretora-geral, em decorrência do nível da fonte e do acesso que esta tinha a informações de interesse.

Atualmente, o MI5 publica anúncios e tem uma área sobre carreiras na página que mantém na Internet desde 2002 e na qual indica claro interesse em contratar funcionários de minorias étnicas e do sexo feminino. Ao menos 10% dos aceitos devem ser “não-brancos”, sinalizando esforço para contratar muçulmanos e negros. Num recente esforço para ter mulheres negras e asiáticas em seu quadro, panfletos foram deixados em vestiários femininos de academias de ginástica no Reino Unido. Apesar disso, constatou-se no livro que 90% dos funcionários têm sido contratados por meio da página na Internet, um método que Andrews afirma ser rejeitado pelo MI6 (SIS).

De modo continuado, a direção do MI5 tem buscado incrementar o orçamento da organização. Pretende ampliá-lo em 40% no período 2004-2011. Também tem tentado expandir o alcance da organização, criando novos escritórios no Reino Unido e destacando alguns funcionários para servir no exterior, em embaixadas britânicas ou de modo isolado.

Candidatos judeus ao MI5 eram recusados até meados da década de 70, com base no entendimento de que a dupla lealdade ao Reino Unido e a Israel causaria conflito de interesse. Andrews considerou esse fato “inescusável”, do mesmo modo que a recusa de negros. Sobre estes, o ex-diretor-geral adjunto Guy Liddell (1947-1952) afirmou ao Comitê Parlamentar Conjunto de Inteligência, em 1949: “é verdade, os negros que vêm para o Reino Unido normalmente filiam-se ao Partido Comunista e não têm disciplina própria”. Andrews não tem dúvida de que Liddell considerava os negros completamente desajustados e sem capacidade de autodisciplina.

O MI5 desenvolveu ações operacionais contra delegações coloniais que iam a Londres nos anos 1950 e 1960 para discutir termos para a independência, entre as quais as de Chipre e do Quênia, com o argumento de que conhecer antecipadamente as intenções era importante para os negociadores governamentais. De modo geral, as transferências do poder colonial ocorreram pacificamente, mas a exceção foi a Guiana. Nesta colônia, Churchill desejava “quebrar os dentes dos comunistas” e tanto o MI5 quanto a CIA atuaram para derrubar o governo democraticamente eleito de Cheddi Jagan, em 1953, sob acusação de que ele era con-

trolado pela URSS. No livro, Andrews afirma que o MI5 não estava “diretamente” envolvido nesse golpe, e sim, a CIA.

O livro também apresenta aspectos que evidenciam sensibilidade e certa ênfase no fator humano, também presentes nas atividades de Inteligência. Por exemplo, por tradição os diretores-gerais do MI5 possuem um jardim dedicado a eles e onde são cultivadas flores variadas, entre as quais quatrocentas roseiras. Essa homenagem decorreu do pensamento de Kell, que considerava plantar e cuidar de flores a maneira mais eficaz para fazer frente às pressões de toda ordem a que estava submetido. Sedes do MI5 também possuíam uma quadra de tênis à disposição do diretor-geral e convidados especiais autorizados por ele. Há no livro a citação de um funcionário que afirma que charutos, mas não cigarros ou cachimbos, eram tolerados na sala do diretor-geral, antevendo potencial visita de Churchill e a impossibilidade de proibi-lo de fumar, e tal tradição permanece até hoje.

Considera-se a leitura do *The Defence of the Realm* essencial para todos os que têm interesse em assuntos de Inteligência a partir do século XX. O livro acrescenta conhecimento sobre fatos e indivíduos e definitivamente descarta certos mitos da atividade de Inteligência que transcendem as fronteiras britânicas.

A leitura do livro permite perceber, como era esperado, que o que não se transformou no MI5 foi a sua natureza sigilosa. Mas Andrews concorda com Evans quando este afirma que certo grau de transparência, desde que não comprometa o princípio da eficiência, permite visibilida-

de externa e esta auxilia na consolidação da imagem das agências de Inteligência, globalmente.

Finalmente, Andrews destaca como uma das suas mais relevantes conclusões a constatação de que o MI5 é realmente uma organização profissional, confiável e defensora dos cidadãos e interesses do Reino e que, ao contrário dos terroristas que só precisam ter êxito uma única vez, tem sido continuamente eficiente. E, para ele, essa eficiência está na capacidade que o MI5 tem evidenciado de se ajustar ao ordenamento jurídico democrático; responder aos atuais, crescentes e complexos desafios e necessidades que se apresentam ao país; atuar proativamente, com ética e apartidariamente, e não de modo ortodoxo e burocrático, pois é a previsibilidade que conduz as agências de Inteligência ao fracasso.